



CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL
GABINETE DA DEPUTADA LUCIA CARVALHO

Ao Protocolo Legislativo para registro e, em seguida à CAS e CCJ.

Em, 21, 02, 02.

20, 02, 02

PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº
(Da Deputada LUCIA CARVALHO)

PDL 744/2002

Concede o título de cidadã honorária de Brasília, post mortem, à poetisa CORA CORALINA.

A CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL decreta:

Art. 1º Fica concedido o título de cidadã honorária de Brasília, *post mortem*, à poetisa CORA CORALINA, pseudônimo literário de Ana Lins do Guimarães Peixoto Bretas.

Art. 2º Este Decreto Legislativo entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

Nascida Ana Lins do Guimarães Peixoto (com o casamento assumiu também o sobrenome do marido *Bretas*) em 20 de agosto de 1889 na cidade de Goiás, Cora Coralina é um nome que, por si só, justifica o título de cidadã honorária de Brasília, ainda que *post mortem*. Ela morreu em 10 de abril de 1985, aos 96 anos de idade.

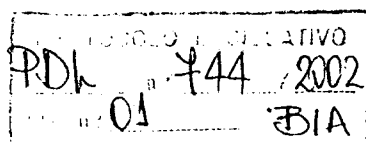
Cora Coralina, desde a mais tenra idade, revelou-se tocada pela inspiração poética, mas só veio a ser nacionalmente conhecida no início da década de 80, quando Carlos Drummond de Andrade, o nosso poeta de Itabira, chamou a atenção dos brasileiros para a poesia que vinha de Goiás. Em documento memorável publicado no Jornal do Brasil de 27.12.80, ele assim se manifesta, sintetizando a obra e a vida dessa mulher goiana:

"Cora Coralina, de Goiás

Este nome não inventei, existe mesmo, é de uma mulher que vive em Goiás: Cora Coralina.

Cora Coralina, tão gostoso pronunciar este nome, que começa aberto em rosa e depois desliza pelas entranhas do mar, surdindo música de sereias antigas e de dona Janaína moderna.

Cora coralina, para mim a pessoa mais importante de Goiás. Mais do que o Governador, as excelências parlamentares, os homens ricos e influentes do Estado. Entretanto, uma velhinha sem poses, rica





CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL GABINETE DA DEPUTADA LUCIA CARVALHO

apenas de sua poesia, de sua invenção, e identificada com a vida como é, por exemplo, uma estrada.

Na estrada que é Cora Coralina passam o Brasil velho e o atual, passam as crianças e os miseráveis de hoje. O verso é simples, mas abrange a realidade vária. Escutemos:

“Vive dentro de mim / uma cabocla velha / de mau olhado, / acocorada ao pé do borralho, olhando pra o fogo.” “Vive dentro de mim / a lavadeira do rio Vermelho. Seu cheiro gostoso dágua e sabão.” “Vive dentro de mim / a mulher cozinheira. Pimenta e cebola. Quitute bem-feito.” “Vive dentro de mim / a mulher proletária. / Bem linguaruda, / de-sabusada, sem preconceitos.” “Vive dentro de mim / a mulher da vida. / Minha imãzinha... / tão desprezada, / tão murmurada...”

Todas as vidas. E Cora Coralina as celebra todas com o mesmo sentimento de quem abençoa a vida. Ela se coloca junto aos humildes, defende-os com espontânea opção, exalta-os, venere-os. Sua consciência humanitária não é menor do que sua consciência da natureza. Tanto escreve a Ode às Muletas como a Oração do Milho. No primeiro texto, foi a experiência pessoal que a levou a meditar na beleza intrínseca desse objeto (“Leves e verticais. Jamais sofisticadas. / Seguras nos seus calços / de borracha escura. Nenhum enfeite ou sortilégio”). No segundo poema, o dom de aproximar e transfigurar as coisas atribui ao milho estas palavras: “Sou o canto festivo dos galos na glória do dia que amanhece. / Sou o cocho abastecido donde ruma o gado. / Sou a pobreza vegetal agradeça a vós, Senhor.”

Assim é Cora Coralina: um ser geral, “coração inumerável”, oferecido a estes seres que são outros tantos motivos de sua poesia: o menor abandonado, o pequeno delinqüente, o presidiário, a mulher-da-vida. Voltando-se para o cenário goiano, tem poemas sobre a enxada, o pouso de boiadas, o trem de gado, os becos e sobrados, o prato azul-pombinho, último restante de majestoso aparelho de 92 peças, orgulho extinto da família. Este prato faz jus a referência especial, tamanha a sua ligação com usos brasileiros tradicionais, como o rito da devolução; “Às vezes, ia de empréstimo / à casa da boa Tia Norita. / E era certo no centro de mesa / de aniversário, com sua montanha / de empadas bem tostadas / No dia seguinte, voltava, / conduzido por um portador / que era sempre o Abdenago, preto de valor, / de alta e mútua confiança. / Voltava com muito-obrigados / e melhor cheinho / de doces e salgados. / Tornava a relíquia para o relicário...”

Relicário é também o sortido depósito de memórias de Cora Coralina. Remontando à infância, não a ornamenta com flores falsas. “Éramos quatro as filhas de minha mãe. / Entre elas ocupei sempre o pior lugar.” Lembra-se de ter sido “triste, nervosa e feia. / Amarela, de rosto empalorado. / De pernas moles, caindo à toa.” Perdera o pai muito novinha. Seus brinquedos eram coquilhos de palmeira, caquinhos de louça, bonecas de pano. Não era compreendida. Tinha medo de falar. Lembra

PDL 444 2002
02 BIA



CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL GABINETE DA DEPUTADA LUCIA CARVALHO

com amargura essas carências, esquecendo-se de que a tristeza infantil não lhe impediu, antes lhe terá preparado a percepção solidária das dores humanas, que o seu verso consegue exprimir tão vivamente em forma antes artesanal do que acadêmica.

*Assim é Cora Coralina, repito: mulher extraordinária, diamante goiano cintilando na solidão e que pode ser contemplado em sua pureza no livro *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*. Não estou fazendo comercial de editora, em época de festas. A obra foi publicada pela Universidade Federal de Goiás. Se há livros comovedores, este é um deles. Cora Coralina, pouco conhecida dos meios literários fora de sua terra, passou recentemente pelo Rio de Janeiro, onde foi homenageada pelo Conselho Nacional de Mulheres do Brasil, como uma das 10 mulheres que se destacaram durante o ano. Eu gostaria que a homenagem fosse também dos homens. Já é tempo de nos conhecermos uns aos outros sem estabelecer critérios discriminativos ou simplesmente classificatórios.*

Cora Coralina, um admirável brasileiro. Ela mesma se define: "Mulher sertaneja, livre, turbulenta, cultivadamente rude. Inserida na gleba. Mulher terra. Nos meus reservatórios secretos um vago sentido de analfabetismo." Opõe à morte "aleluias festivas e os sinos alegres da Ressureição. Doceira fui e gosto de ter sido. Mulher operária."

*Cora Coralina: gosto muito deste nome, que me invoca, me bouleversa, me hipnotiza, como no verso de *Bandeira*." (Cora Coralina, *Vintém de Cobre e Meias Confissões de Aninha*. 4.ed. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1997).*

Drummond disse tudo, e o nome de Cora Coralina ganhou expressão em todo o território nacional e, por tudo que hoje representa para a Literatura Brasileira, Cora Coralina é digna de ter seu nome inscrito no livro dos laureados com o título de cidadão honorário de Brasília.

São as razões que me levam a pedir o apoio dos ilustres Pares para aprovarmos o presente Projeto de Decreto Legislativo.

Sala das Sessões

de fevereiro de 2002.


LUCIA CARVALHO
Deputada Distrital - PT

